



Valéria Abreu, da Pepper, mostra os 'voadores' devolvidos: 50% do total

Em 15 dias, 322 mil cheques sem fundos

Para lutar contra a praga dos cheques sem fundo, o comércio está adotando um procedimento cada vez mais rigoroso. Muitos comerciantes fazem questão de confirmar os dados fornecidos pelos seus clientes com uma ou duas pessoas indicadas. Número do telefone e identidade já não são mais sinônimos de segurança. E algumas lojas simplesmente preferem não fazer a venda, ao desconfiarem que o comprador não merece confiança.

O número de "voadores" cresce a cada dia, mas quase sempre o prejuízo é coberto. O que não quer dizer que a loja não perca, já que entre a data da compra e a do efetivo pagamento passasse, na melhor das hipóteses, uns três dias. Segundo dados do Clube dos Diretores Lojistas, só na primeira quinzena de fevereiro o comércio recebeu 322.465 cheques sem fundos, um número 203,9% superior ao de igual período do ano passado. Em janeiro, conta o presidente da entidade, Sílvio Cunha, foram 956.180 "voadores", 37,6% mais do que em janeiro de 1991. O resultado de todo o ano, portanto, tende a ser ainda pior do que o de 91, quando foram devolvidos 6.241.423 cheques, um número já 94,5% superior ao de 90.

Na loja de discos Gabriela, do Rio Sul, de cerca de 50 cheques recebidos diariamente, dois a cinco são sem fundos. A gerente Tânia Regina da Rocha conta que a situação vem piorando desde julho de 91, e hoje cerca de 40% dos cheques recebidos por mês são "frios".

— O ideal seria que as lojas trabalhassem com cartão magnético automático para evitar

perdas, pois, na prática, não temos como saber a idoneidade da pessoa — diz Tânia. — Chegam aqui senhoras de idade, bem vestidas, mas que passam cheque sem cobertura.

Cerca de 50% dos cheques recebidos pela loja de roupas femininas Pepper também são sem fundos. Mas, segundo a gerente Valéria Abreu, 80% dos casos conseguem ser resolvidos. As desculpas são sempre as mesmas: erro do banco ou atraso do pagamento.

— A falta de dinheiro é geral. Muita gente que compra com cheque pré-datado liga para a loja quando está chegando a data do depósito, para pedir para segurar o cheque por mais uns dias. As vezes temos de ser flexíveis, para não correremos o risco de depositar mais um "voador" — disse Valéria.

Na loja de eletrodomésticos Garçon, a inadimplência ainda é pequena, mas crescente. Segundo o diretor financeiro Carlos Roberto Hinrichsen, as perdas da empresa com falta de pagamento foram, em 1991, em torno de 2,5% da carteira de vendas, um índice 20% superior a 1990. Já o proprietário da Wave, Francisco Fonseca, garante que os cheques sem fundos não chegam a 1% do faturamento. Ele conta que suas três lojas juntas recebem, em média, 20 cheques sem fundos por mês, dos quais 16 conseguem ser recuperados. Para isto, entretanto, Fonseca admite que toma inúmeras precauções, como desistir da venda se não localizar um conhecido do consumidor para confirmar seus dados. (A. D.)